

DOI: XXXXXX

*Do "e-mail" ao e-MEC: análise
construcional sobre a história dos
"e-termos" em português*

Carlos Alexandre Victorio **GONÇALVES ***
Luciano Vieira **MENDONÇA JUNIOR ****

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Líder do Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP). E-mail: carlosvictorio@letras.ufrj.br.

** Licenciado em Português e Inglês pela UFRJ (2025). Mestrando em Letras Vernáculas na UFRJ. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Integrante do NEMP. E-mail: lucianovieira@letras.ufrj.br.

Resumo:

Este artigo investiga o comportamento morfofonológico dos “e-terms” no português brasileiro, formações lexicais criadas pela adjunção de e- (originalmente do inglês *e-mail*) à esquerda de bases nominais (por exemplo, “e-MEC”, “e-Título”). Inicialmente analisadas como *splinters* não nativos, argumentamos que e- transmutou para um inicialismo, dada a sua vernacularização através de mudanças fonéticas (do inglês [i] para o português [e]). Com base na Morfologia Construcional (Booij, 2005, 2007, 2010; Gonçalves; Almeida, 2012) e na Mudança Construcional (Traugott; Trousdale, 2013), propomos uma esquematização da trajetória histórica das formações e-X. Metodologicamente, combinamos uma revisão da literatura, a análise de *corpus* (por exemplo, ‘e-Social’, ‘e-CPF’) e dados fonéticos de corpora da Internet para demonstrar o domínio da pronúncia do [e]. Os resultados indicam que o e- já não mantém os traços fonológicos do inglês, comportando-se, em vez disso, como um inicialismo nativo relacionado à ideia de “eletrônico” (por exemplo, em plataformas governamentais, como ‘e-Título’ e ‘e-CAC’). Concluimos que a mudança pela qual o e- passou exemplifica a adaptação dinâmica da língua à digitalização, evoluindo de um fragmento emprestado para uma construção totalmente integrada à morfologia portuguesa e altamente produtiva.

Palavras-chave:

Splinters; Inicialismo; Morfologia Construcional.

Abstract

This article investigates the morphophonological behavior of “e-terms” in Brazilian Portuguese, lexical formations created by the adjunction of “e-” (originally from English *e-mail*) to nominal bases (e.g., “e-MEC”, “e-Título”). Initially analyzed as non-native splinter, we argue that “e-” has transitioned to an initialism, given its vernacularization through phonetic changes (from English [i] to Portuguese [e]). Based on Constructional Morphology (Booij, 2005, 2007, 2010; Gonçalves; Almeida, 2012) and Constructional Change (Traugott; Trousdale, 2013), we propose a schematization of the historical trajectory of “e-X” formations. Methodologically, we combined a literature review, corpus analysis (e.g., “e-Social”, “e-CPF”) and phonetic data from Internet corpora to demonstrate the dominance of [e] pronunciation. The results indicate that “e-” no longer retains English phonological features, behaving instead as a native initialism linked to “electronic” (e.g. government platforms such as “e-Título” and “e-CAC”). We conclude that the change that “e-” has undergone exemplifies the dynamic adaptation of the language to digitalization, evolving from a borrowed fragment to a construction that is fully integrated into Portuguese morphology and highly productive.

Keywords: Splinters; Initialism; Constructional Morphology.

Do *e-mail* ao e-MEC: análise construcional sobre a história dos “e-termos” em português

From e-mail to e-MEC: a constructional analysis of the “e-terms” history in Portuguese

Carlos Alexandre Victorio **GONÇALVES**

Luciano Vieira **MENDONÇA JUNIOR**

PALAVRAS INICIAIS

Sabe-se que, com o alcance progressivo da rede mundial de computadores, os serviços que antes dependiam somente de papéis físicos estão disponíveis a nós, clientes e cidadãos, na *Internet*. Desde o envio de uma “carta” pelo *e-mail* até a apresentação do “e-Título” na tela do dispositivo móvel na hora do voto, podemos perceber a expansão de serviços cotidianos (‘e-CPF’, ‘e-Social’) e de produtos (‘e-Cervejas’, ‘e-bordados’) dentro do mundo eletrônico. Inevitavelmente, a revolução digital do século XXI transformou as interações sociais e econômicas e também deixou marcas na língua.

No português como um todo, diversas de suas variedades, um fenômeno emblemático dessa transformação é a proliferação do que se convencionou chamar de “e-termos” (Antunes; Correia; Gonçalves, 2001) — construções lexicais formadas pelo acréscimo do elemento *e-* a bases nominais, originalmente inspiradas no inglês *e-mail* (correio eletrônico). Se, em um primeiro momento, essas formações foram interpretadas como constituídas de um *splinter* não nativo, evidências recentes apontam para uma reconfiguração morfológica e fonética desse formativo, agora plenamente assimilado ao sistema linguístico do português, sobretudo o brasileiro. Assim, notamos o crescimento (a) da produção dos e-termos e (b) da necessidade de analisar o comportamento morfológico desse elemento no atual estágio da língua.

Isso posto, este artigo parte de duas questões centrais: (a) como o elemento *e-*, inicialmente vinculado à fonética inglesa ([i]), consolidou-se como um inicialismo vernáculo ([e]) no português brasileiro? e (b) de que modo a Morfologia Construcional (Booij, 2005, 2007, 2010) e a Mudança Construcional (Traugott; Trousdale, 2013) podem explicar a trajetória e a produtividade atual dessas formações? Para respondê-las, adotamos uma metodologia mista, combinando análise de *corpus* (ex.: ‘e-SUS’, ‘e-CAC’), revisão crítica da literatura e dados fonéticos coletados em plataformas digitais.

Pretendemos, portanto, neste trabalho, defender que, a partir de evidências fonético-fonológicas, o *e-* hoje se comporta mais como inicialismo que como *splinter* não nativo, dada a vernacularização de sua pronúncia, passando de [i] (como no inglês) para [e], no português brasileiro (PB). Para tanto, apresentamos, na primeira seção, a metodologia adotada para a discussão, coleta e análise dos dados. Em seguida, reunimos textos na literatura que tratam dos e-termos e dos *splinters* para discutir a origem dessa “letra morfológica”, sua introdução ao vocabulário do português brasileiro e as descrições já feitas sobre esse formativo nas variedades europeia e sul-americana. Por fim, apresentamos dados quantitativos sobre a pronúncia, concluindo que houve construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013) nas formações e-X, desde sua entrada no português até os dias de hoje,

passando por primeiras criações vernaculares (sem qualquer correspondente em inglês). Os resultados demonstram que o *e-* transcendeu sua origem estrangeira, sendo capaz de cunhar palavras sem correspondentes em inglês, como “e-Noivinhas” e “e-jardim”. Assim, essa mudança, marcada pela mudança fonética ([i] > [e]), reflete a adaptação da língua à digitalização e a dinâmica criativa dos falantes na construção de itens lexicais e funcionais.

1. METODOLOGIA

Neste trabalho, revisitamos textos na literatura que abordam os *e-termos* e os descrevem a partir de sua origem na língua inglesa, avançando até o atual estágio na língua portuguesa, com foco no PB. Seleccionamos os trabalhos de Silva Cruz (2008), Antunes, Correia e Gonçalves (2001), Gonçalves e Almeida (2012), Matiello (2016) e Pires (2018). Em seguida, apresentamos ocorrências dos *e-termos* coletados de dados da *Internet*, onde estão presentes de forma dominante, e disponibilizados em redes sociais, portais e *corpora* do Português. Além disso, analisamos outros *e-termos* que foram coletados dos artigos, sobretudo Gonçalves e Almeida (2012), e da tese (Pires, 2018), já produzidos. Para a análise da realização fonética dos dados, valemo-nos de vídeos disponíveis na plataforma *YouTube* e recuperados pelo portal *YouGlish*. A descrição da evolução morfofonológica dos “*e-termos*” no português brasileiro será realizada à luz (i) da Morfologia Construcional, de Booij (2005, 2007, 2010) e aplicada ao português por Gonçalves e Almeida (2014), filiada à corrente teórica da Gramática de Construções, de Goldberg (1995), e (ii) da Mudança Construcional, de Traugott e Trousdale (2013).

2. REFERÊNCIAS ÀS FORMAÇÕES E-X NA LITERATURA

Mattiello (2016, p. 125) observa que *e-*, abreviação de (e)letrônico, constitui partícula produtiva no inglês contemporâneo e data algumas formações:

e-education [1999] ‘education on the web’ (NEWJT), *e-reader* [1995] ‘a person who reads electronic text’ (OED3), *e-shopping* [1998] ‘shopping on the web’ (NEWJT), *e-text* [1990] ‘electronic text’ (OED3), *e-voting* [2008] ‘online voting’ (RUND), and so on.

A autora admite, portanto, que, no caso das formações *e-X*, palavras bem estabelecidas, como ‘*e-mail*’ [1979] e ‘*e-book*’ [1988], constituem o modelo. Segundo a enciclopédia virtual Wikipédia, o termo ‘*e-mail*’ tem sido utilizado na Informática desde os anos 1960 para indicar a transmissão de mensagens por meio de qualquer dispositivo eletrônico — tendo permutado, muitas vezes, o extinto *fax*. O *Oxford English Dictionary* indica a data de 1979 para esse termo no seu sentido moderno, ou seja, troca de correspondências via *Internet*. No ano seguinte, a empresa norte-americana *CompuServe* patenteou a marca “email” para o seu serviço de troca de mensagens eletrônicas (Haigh, 2015). A popularização dessa marca e a expansão da *Internet* possibilitaram acesso rápido ao termo “*e-mail*”, que passou a ser usado com muita frequência na língua.

A existência de produção em série confere *status* morfológico ao elemento *e-*. Gonçalves e Almeida (2012) analisam essa partícula e mostram que muitas formações foram criadas no próprio PB (‘*e-MEC*’) e não têm qualquer respaldo em inglês, embora algumas possam constituir decalques (‘*e-comércio*’)¹. Os autores concluem o texto mostrando que importamos do inglês o padrão *e-X*, em que a vogal inicial remete a algo relacionado à *Internet*. Dessa maneira, não tomamos de empréstimo palavras isoladas, mas um esquema que responde por novas construções em português.

¹ De acordo com Houaiss (2009), calco ou decalque é a “denominação, numa língua, de um objeto ou conceito pela tradução de uma palavra ou expressão de outra língua”, a exemplo de ‘cachorro-quente’, tradução literal de ‘hot-dog’.

3. OS “E-TERMOS”

No âmbito da língua portuguesa, independentemente da variante, a primeira referência aos chamados e-termos aparece em Antunes, Correia e Gonçalves (2001). Nesse trabalho, as portuguesas entendem por e-termo “cada uma das unidades que apresenta, na sua estrutura, a partícula e- com o significado de *electronic* (eletrônico)” (Antunes, Correia e Gonçalves, 2001, p. 5), como, por exemplo, ‘e-commerce’, por ‘*electronic commerce*’, com o decalque correspondente ‘e-comércio’, para ‘comércio eletrônico’.

Antunes, Correia e Gonçalves (2001) reforçam Bauer (1998), para quem a primeira expressão a utilizar e- na posição inicial foi ‘e-mail’. O termo ‘e-mail’ foi tão amplamente utilizado que, rapidamente, perdeu o seu estatuto de neologismo e, de acordo com Silva Cruz (2008), apareceu atestado no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001) “como uma remissiva a correio eletrônico e como abreviação do inglês *e(lectronic) mail*, o mesmo ocorrendo com o termo e-book” (Silva Cruz, 2008, p. 187). Desse modo, podemos afirmar que tais termos foram bem integrados ao léxico do português, ganhando rápida incorporação não apenas no Dicionário Houaiss, mas também no Aulete e no Michaelis. Nesse trabalho, ainda, as autoras propõem uma escalaridade na cronologia dos tipos de termos que entraram no vocabulário do português europeu a partir do ONP, o Observatório de Neologia do Português.

De acordo com Antunes, Correia e Gonçalves (2001, p. 6), o termo *e-mail* é usado com grande frequência pelos falantes do português europeu, por ser “mais econômico e polissêmico”. Para elas, seu emprego também constitui “fator de prestígio”, pelo menos à época:

a partir do momento em que a comunicação electrónica se expandiu e ‘invadiu’ todos os domínios, os grupos sociais e as empresas com ramos de actividade [...] ligados à rede têm criado, importado e adaptado uma multiplicidade de termos para servir as suas necessidades ou, tão somente, para demarcar a sua posição e importância tanto a nível social como económico (Antunes; Correia; Gonçalves, 2001, p. 4).

Observa Silva Cruz (2008, p. 186) que, por “não existir uma política de língua que fomenta o uso corrente de equivalentes no português”, o termo originalmente estrangeiro acabou expandindo-se com mais facilidade, quando cotejado com seu correspondente ‘correio eletrônico’.

No Brasil, as construções e-X são consideradas do tipo semiabertas (Pires, 2018) e o primeiro elemento é visto como *splinter*. Gonçalves e Andrade (2012) fazem uma descrição preliminar das formações e-X, afirmando, como Gonçalves e Almeida (2012), que a maioria não constitui decalque, pois não têm respaldo na língua doadora. Os dados a seguir, extraídos de Gonçalves e Andrade (2012), comprovam tal assunção:

(1)	e-chantagem	e-mediador	e-professor
	e-amigo	e-namorado	e-pipoca
	e-apostas	e-fã	e-exame

4. ANÁLISES PRÉVIAS SOBRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para Andrade (2013), as formas com e-, por diversos motivos, aproximam-se dos prefixos, visto que (a) atuam como formas presas, (b) vêm antes das bases a que se adjungem sem alterar a classe gramatical do produto e (c) são elementos secundários, subordinados ao núcleo numa estrutura do tipo DT-DM (determinante – determinado). Assim, do ponto de vista formal, o e- está associado ao molde de prefixação em português, por ser categoricamente neutro, formando palavras complexas cuja classe gramatical é idêntica à da forma à direita, a cabeça lexical. No entanto, “expressa um conteúdo menos nocional e é caracterizado por um menor grau de previsibilidade semântica, uma vez que pode focar diferentes aspectos da informação transmitida eletronicamente” (Gonçalves;

Andrade, 2012, p. 140). Tais diferenças e semelhanças, segundo Andrade (2013), justificam a presença desses formativos em um *continuum* afixo-radical.

Em seguida, a tese de doutorado de Pires (2018) concebe uma abordagem construcional dos *splinters* não nativos, isto é, elementos morfológicos de outras línguas que “remetem a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais” (Pires, 2018, p. 140). O trabalho de Pires (2018) reúne e descreve — entre outros *splinters* como *-tube*, *-gram*, *wiki-* e *-burguer* — os e-termos a partir de 104 itens lexicais com o elemento *e-* na margem esquerda da formação, como nos seguintes exemplos:

Figura 1 - Registro de “e-Noivinhas” para loja virtual de itens de casamento.



Fonte: www.enoivinhas.com.br.

- (2) e-bordados (loja de bordados computadorizados)
- e-cartório (cartório eletrônico oficial)
- e-farm (nome de uma farmácia virtual)
- e-jardim (loja virtual de produtos para jardinagem)

Nos dados em (2), o item *e-* remete à condição virtual do comércio/serviço permitida a partir da difusão da *Internet*. Além desses termos, as formas ‘e-book’, ‘e-reader’, ‘e-learning’, ‘e-commerce’ e ‘e-business’ são bastante recorrentes nos anos 2015, conforme aponta a frequência do *Corpus* do Português (Davies, [2017]). Junto a ‘e-mail’, essas formas não se decalcaram e mantiveram seus significados idênticos aos da língua inglesa.

- (3) *e-book* (livro eletrônico, digital ou virtual)
- e-reader* (leitor eletrônico de livros digitais)
- e-learning* (ensino mediado por ferramentas eletrônicas)
- e-business* (transações de negócios feitas pela Internet)

Pires (2018) destaca que a estrutura dos e-termos permite que muitos tipos morfológicos possam ocupar a segunda posição — como alfabetismos (‘e-CPF’), acrônimos (‘e-CAC’), radicais vernáculos (‘e-jovem’), radicais neoclássicos (‘e-eco’), truncamentos (‘e-foto’) e encurtamentos (‘e-doc’). Uma amostra bem representativa de e-termos aparece no seguinte quadro, extraído de Pires (2018, p. 182-183):

Quadro 1 - “E-termos” levantados por Pires (2018).

e-agro	e-bio	e-eco	e-petro	e-Social	e-CAC
e-bolsas	e-boticário	e-Esporte	e-vida	e-certidão	e-democracia
e-brasileirão	e-CARTA	e-cnpj	e-cpf	e-recursos	e-registros
e-cadeiras	e-cargo	e-lactância	e-auditoria	e-auditor	e-aula
e-certificado	e-negócio	e-comércio	e-formação	e-transformação	
e-chantagem	e-comunidade	e-vendas	e-negociação	e-MEC	e-professor
e-cigarette	e-lixo	e-fatura	e-cidade	e-Carioca	e-cobrança

e-destinos	e-Defesa	e-docente	e-doc	e-dinheiro	e-diretor
e-dicionário	e-disciplinas	e-estonia	e-entrega	e-frete	e-foto
e-farsas	e-livros	e-tribuna	e-líquidos	e-cigarro	e-cig
e-folha	e-financeira	e-fisco	e-pharma	e-gestor	e-facil
e-gestão	e-galáxia	e-gabinete	e-inscrição	e-interiores	e-jardim
e-jogosonline	e-jus	e-jovem	e-kaia	e-led	e-localize
e-loja	e-noivinhas	e-nota	e-orkut	e-origem	e-ótica
e-panelinha	e-protocolo	e-química	e-sus	e-sportv	e-sic
e-saj	e-tarefas	e-título	e-tce	e-unicamp	e-usp
e-utran	e-usinas	e-use	e-una	e-vino	e-vida

Fonte: Pires (2018, p. 182-183).

5. “TERMOS-E”?

Observamos que essa rica combinabilidade também se observa em outras formas interessantes à análise, que são as que possuem a letra <e> à direita do nome. Nessa configuração, respeita-se a sintaxe prototípica do português (nome-modificador). No entanto, a estrutura do que podemos chamar de “termos-e” não se popularizou tanto como sua contraparte à esquerda do nome. Vejamos alguns exemplos datados na primeira década deste século:

Figura 2 - Registro de “Licitações-e”.



Fonte: Bons [...], [2025].

Figura 3 - Registro de “NFC-e” (sigla para Nota Fiscal Comercial Eletrônica).



Fonte: Amazonas, [2025].

Outros dados com *-e* na margem direita da base aparecem listados a seguir:

- (4) Camara-e² (portal eletrônico da Câmara Brasileira de Economia Digital)
- Ourocard-e³ (cartão de crédito eletrônico)
- Governo-e⁴ (governo eletrônico)

Como não encontramos outras formações com *e-* na posição final, podemos concluir que esse padrão foi suplantado por *e-X*, que ganhou maior importância nas duas últimas décadas.

6. NOVAS FORMAÇÕES E-X

Atualmente, muitos e-termos servem para nomear plataformas oferecidas pelo poder público (governos federal, estaduais e municipais) a fim de informatizar os serviços oferecidos à população. Segundo o Governo Federal, há, desde o início deste século, uma iniciativa de virtualizar muitos serviços. A seguir, há exemplos e suas descrições. Temos, com isso, o propósito de (a) mostrar quão integradas estão essas formas no PB e (b) atentar para o fato de essas palavras serem pronunciadas atualmente como [e], não mais [i], como no inglês.

Para começar, uma tecnologia que se tornou famosa e bastante útil no Brasil foi o aplicativo ‘e-Título’, que surgiu em 2017 como uma iniciativa do Superior Tribunal Eleitoral em substituir o documento físico do título de eleitor. Com a popularização do termo nas propagandas das autoridades eleitorais para as eleições de 2018 em diante, começamos a perceber, na imprensa falada, que a vogal inicial era francamente realizada [e].

Figura 4 - Propaganda institucional do ‘e-Título’ em 2019.



Fonte: Mato Grosso do Sul, [2025].

Temos, ainda, o e-CAC (Central de Atendimento ao Contribuinte), um serviço lançado em 2005 e ofertado pela Receita Federal. Sua função é intermediar essa autarquia federal aos seus clientes:

² Camara-e.net, ([2025]).

³ Banco do Brasil, ([2025]).

⁴ Press [...], 2016.

Figura 5 - Ocorrência de ‘e-CAC’ vinculado à Receita Federal do Brasil.



Fonte: Brasil, 2016.

Ainda no âmbito público, há o ‘eSocial’ (grafado sem hífen), oficialmente Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas, plataforma informatizada da Administração Pública com informações protegidas por sigilo. Esse sistema pertence ao Governo Federal brasileiro e visa centralizar e simplificar a prestação de informações das relações de natureza trabalhista. Em todas as ocorrências que ouvimos nos jornais televisivos no Brasil, como o Jornal Nacional (Globo) e o CNN Arena, as realizações foram nitidamente de uma média anterior ([e]) e não de uma alta ([i]):

Figura 6 - Registro de ‘eSocial’.



Fonte: Brasil, [2025a].

Além disso, há o ‘e-CNPJ’, serviço do Governo do Brasil que emite o certificado digital do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica Brasil (Brasil, 2025b). Análoga a essa, o ‘e-Rio’ é a plataforma digital criada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro para atividades educacionais (CONSED, 2024). Ainda no campo governamental, o termo ‘eConsig’ remete a um sistema eletrônico de empréstimos consignados a servidores públicos (DIRAD, 2025). Já ‘e-Proc’ (ou eproc) se refere ao sistema eletrônico de processos judiciais de tribunais federais das regiões jurídicas do país (Brasil, [2025c]. Em seguida, o ‘e-Procon’ (Transformação [...], 2025) faz referência ao sistema digital do Programa de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON) – (Transformação [...], [2025]. O ‘e-cidade’ (Brasil, 2025) é um sistema de gestão municipal presente em diversos municípios pelo Brasil – como Niterói (RJ) (‘e-Niterói’), Macaé (RJ), Porto Velho (RO), Dourados (MS) e Petrópolis (RJ).

No campo da Medicina, há o termo ‘e-Médico’, que faz referência a um serviço particular de certificação digital a profissionais da medicina⁵; semelhantemente, há o ‘e-SaúdeSP’, plataforma da cidade de São Paulo que visa a informatizar os processos burocráticos de atendimento aos pacientes paulistanos.

⁵ <https://www.linkcertificacao.com.br/novo/produtos/e-medico/>.

Figura 8 - Registro de ‘e-saúdeSP’ vinculado ao Sistema Único de Saúde e à Prefeitura de São Paulo.



Fonte: São Paulo, [2025].

A esta altura, podemos notar a importante presença dos e-termos em diferentes campos da sociedade, mas cabe apontar novas formações utilizadas para definir serviços disponíveis eletronicamente:

- | | | |
|-----|------------------------------|---|
| (5) | e-ambiente ⁶ | ‘portal de atendimento da Secretaria de Meio Ambiente de SP’ |
| | e-CIGA ⁷ | ‘sigla de Consórcio de Informática na Gestão Pública Municipal’ |
| | e-cafês ⁸ | ‘reunião on-line entre amigos virtuais’ |
| | e-Cervejas ⁹ | ‘serviço eletrônico de venda e entrega de bebidas alcoólicas’ |
| | e-Garimpo ¹⁰ | ‘serviço eletrônico de localização de valores judiciais do TRT’ |
| | eMercado ¹¹ | ‘plataforma para digitalização de funcionalidades mercantis’ |
| | e-notariado ¹² | ‘plataforma de serviços eletrônicos de cartório’ |
| | e-Participante ¹³ | ‘plataforma de <i>login</i> a servidores públicos’ |
| | e-Participa ¹⁴ | ‘sistema de participação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária’ |
| | e-Patri ¹⁵ | ‘plataforma eletrônica de declaração de bens públicos’ |
| | e-ponto ¹⁶ | ‘ <i>software</i> para registro de funcionários’ |
| | e-voto ¹⁷ | ‘plataforma de votação eletrônica de instituições públicas’ |

Como se vê, os e-termos estão em franco uso no Brasil, e as formações vêm passando por uma mudança sonora, na qual não mais se observa a pronúncia [i], que conferiria às construções uma feição mais inglesa. Atualmente, a letra morfológica *e-* está mais próxima de um inicialismo, termo aqui utilizado para nomear um encurtamento ao tamanho de uma letra inicial, como é o caso, por exemplo, da letra <g>, de “grupo”, em G-4 (os quatro primeiros colocados no campeonato brasileiro de futebol) e G-20 (as vinte maiores economias do mundo).

7. DE [I]MAIL A [E]TÍTULO: MUDANÇA NA PRONÚNCIA DO FORMATIVO

Já tivemos a oportunidade de destacar que nossos dados são, na sua totalidade, de língua escrita, ainda que possam refletir, sobretudo nos casos de *tweets*, usos mais próximos à oralidade.

⁶ São Paulo, [2025b].

⁷ Ciga, [2025].

⁸ Ranzani, 2020.

⁹ e-Cervejas, [2025].

¹⁰ Brasil, 2023.

¹¹ e-Mercado, [2025].

¹² CBN, [2025].

¹³ e-Participante, [2025].

¹⁴ Brasil, 2022.

¹⁵ Brasil, [2025d].

¹⁶ Porto Velho, [2025].

¹⁷ Unesp [2025].

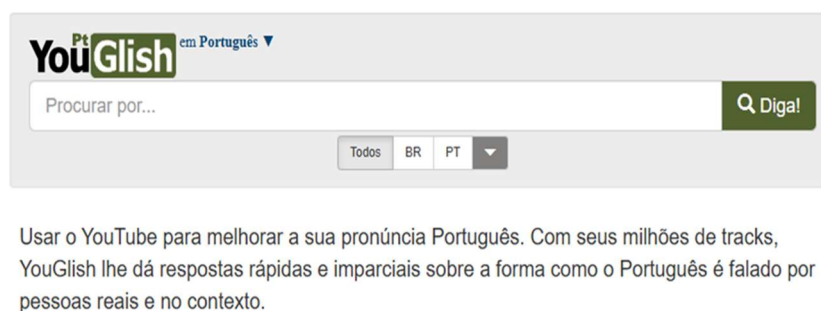
Portanto, definir a pronúncia do *e-* inicial constitui um desafio para os linguistas. Em diversas ocasiões — seja em conversas, seja em noticiários — percebemos uma nítida mudança na produção dessa unidade morfológica. Trabalhos anteriores, até mesmo o de Pires (2018) e o de Melo (2021), os mais recentes de que temos notícia, asseveram que os *e*-termos são pronunciados tal como o *e-* inicial dos correspondentes em inglês, ou seja, como [i].

Para testar a hipótese de que, nos dias de hoje, a partícula *e-* se nativizou por completo, utilizamos o *YouGlish*, uma ferramenta de ensino baseada em vídeos. O *site* permite que os usuários pesquisem por palavras e localiza diversos vídeos do *YouTube* que contenham as unidades procuradas. Por exemplo, ao pesquisar um termo como ‘*e-MEC*’, o buscador retorna uma lista de vídeos em que o termo é falado. Assim, os usuários obtêm todos os vídeos encontrados e o *site*, além de apresentar o áudio, também mostra a transcrição sincronizada do vídeo, com as palavras sendo destacadas enquanto são faladas. Isso permite que os usuários acompanhem a pronúncia e o uso das palavras em contexto.

Uma pequena limitação ocorreu em nossa utilização do *YouGlish*: o programa não reconhece o hífen *e*, quando a partícula é adjungida à palavra, a ferramenta retorna usos de <*e*> como conjunção. Para solucionar o problema, optamos por usar construções em que o *e-* agrega-se a siglas, como ‘*e-MEC*’ e ‘*e-CAC*’, além de outras muito usuais, como ‘*e-Social*’ e ‘*e-Título*’. Observamos, com o uso dessa ferramenta, que há total oscilação no emprego do hífen: ora as palavras aparecem com o *e-* aglutinado, ora separado por esse sinal gráfico.

Como se observa na página inicial do *YouGlish*, também é possível selecionar a variedade do português que se pretende estudar: brasileiro (BR), europeu (PT) ou todas. Optamos por BR.

Figura 9 - Captura de tela do *site* *YouGlish*¹⁸.



Ao escrever a palavra em “Procurar por”, são retornados vários vídeos exatamente no ponto em que a unidade buscada é pronunciada. Desse modo, é possível controlar quantitativamente a produção (quantas realizações fonéticas com X e quantas com Y). Na tabela a seguir, aparecem as palavras controladas, os vídeos retornados, os vídeos válidos e as produções encontradas nesses vídeos:

¹⁸ <https://pt.youglish.com/portuguese>

Tabela 1 - Dados observados na plataforma *YouGlish*.

	Vídeos retornados	Vídeos válidos	Produções		
			[i]	[e]	[ɛ]
e-CAC	18	05	0	5	0
e-MEC	89	07	0	5	2
e-CPF	179	22	0	20	2
e-CNPJ	155	21	0	21	0
e-SUS	138	7	0	7	0
e-social	94	8	0	8	0
e-título	1280	112	0	99	13
e-Consig	2	2	0	2	0
e-bag	2	1	0	1	0

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observe-se que é pequeno o número de dados obtidos pela plataforma, e isso se dá pela alta emergência da conjunção aditiva ‘e’ antes de um nome. Para checar outras produções, optamos por usar o *YouTube*, através da ferramenta de busca oferecida pelo próprio *site*. Nesse caso, digitamos as palavras que gostaríamos de ouvir e checamos apenas um vídeo curto para validar a pronúncia. Vejam-se os resultados:

Tabela 2 - Realização fonética do “e-” noutras palavras.

	[i]	[e]	[ɛ]
e-auditoria		X	
e-certificado		X	
e-cartório		X	
e-notariado		X	
e-vendas		X	
e-docente		X	
e-mediador		X	
e-bordados		X	
e-investidor		X	
e-financeira			X
e-identidade			X
e-entregas			X

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como se vê, é praticamente inexistente a pronúncia de [i], o que ocorre somente com os dados mais antigos, como ‘e-mail’ e ‘e-book’, ainda que com alguma pequena variação para [e]. Desse modo, podemos concluir que o *e-* inicial das formações lexicais aqui analisadas, certamente por sua associação com ‘eletrônico’, está se comportando como uma espécie de abreviação, um inicialismo. Interessante destacar que a pronúncia da letra <e> varia conforme o dialeto e, por isso, temos algumas realizações com [ɛ], caso típico da fala carioca.

8. ANÁLISE CONSTRUCIONAL

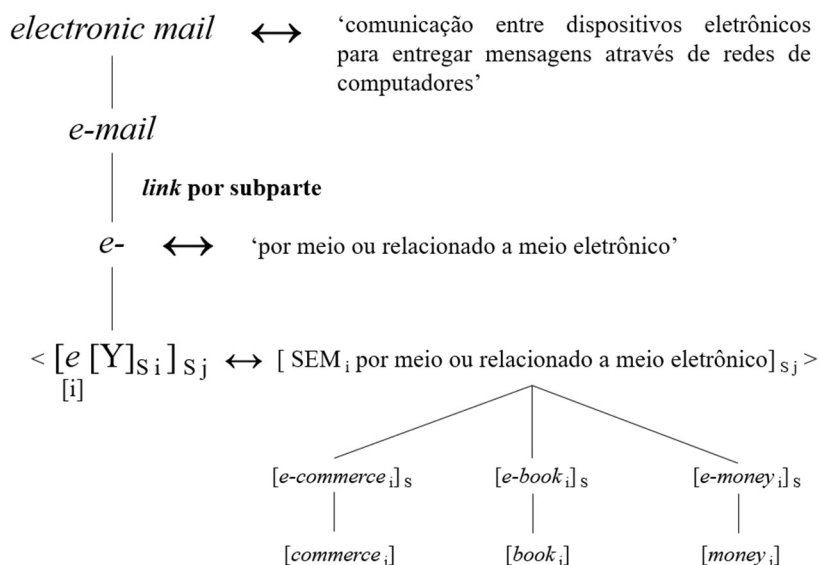
Nesta seção, procuramos esquematizar, a partir do paradigma da Morfologia Construcional (Booij, 2005, 2007, 2010; Gonçalves; Almeida, 2014), o percurso dos *e*-termos desde sua concepção na língua inglesa, passando por sua introdução ao vocabulário português até sua total adesão nos dias de hoje. Ao introduzir o paradigma da Morfologia Construcional, doravante MC, Booij (2005), consoante Goldberg (1995), demonstra que as unidades linguísticas constituem estruturas simbólicas convencionais. Assim procedendo, minimiza as diferenças entre palavras derivadas (*Xy*), como ‘samb-ista’, compostos (*XvYs*) como ‘guarda-chuva’, expressões semiabertas como ‘pé-de-Xs’, “árvore”: ‘pé de coco’, e expressões idiomáticas como ‘DAR uma *XV*-da’, no sentido de “fazer *Xv* rapidamente”, como em ‘dei uma olhada’). Segundo Gonçalves e Almeida (2014), todas essas unidades complexas podem ser analisadas em suas estruturas de formação por meio de esquemas.

O modelo de Booij se insere no paradigma das abordagens construcionistas de autores como Goldberg (1995) e Croft (2001), originalmente voltadas para a sintaxe, para priorizar a análise de fenômenos morfológicos. Os princípios básicos da MC podem ser definidos da seguinte maneira:

- (i) a ideia de construção como pareamento entre forma e conteúdo (Booij, 2018);
- (ii) a existência de gradiência entre as categorias e as operações morfológico-lexicais (Gonçalves, 2016);
- (iii) a centralidade na palavra, em vez de priorizar o morfema (Booij, 2010, 2018);
- (iv) o registro de palavras complexas no léxico até que seus esquemas possam ser inferidos por meio de generalização ou abstração (Soledade, 2018);
- (v) a dependência entre as instanciações específicas e as construções (Ferrari, 2010), das quais o significado emerge de forma interacional (Booij, 2010, 2017); e
- (vi) a presença de relações hierárquicas, radiais e de herança entre construções e suas respectivas instanciações (Booij, [2012], 2017; Gonçalves; Almeida, 2014).

Baseados na proposta de Goldberg (1995), Gonçalves e Almeida (2014, p. 178) estabelecem quatro tipos de herança para construções morfológicas: por polissemia, por extensão metafórica, por subparte e por instanciação. A seguir, vemos representada a origem da partícula *e*- (significando ‘eletrônico’). Gonçalves e Almeida (2012) argumentam que, em inglês, há herança por subparte, uma vez que o *e*- inicial é, literalmente, um pedaço da palavra *eletronic*, levando esse significado para novas construções, a exemplo de *e-mail*.

Figura 11 - Esquemática construcional de “e-” no inglês.



Fonte: Elaborada pelos autores.

No esquema acima¹⁹, conseguimos representar que, a partir da popularização do termo ‘e-mail’, remetendo a *eletronic mail* (correio eletrônico), surgiram novas formações com a partícula *e-* à margem esquerda de bases substantivas, sugerindo uma abreviação de ‘*eletronic*’. Nessa estrutura, a partícula *e-* se configura como porção não morfêmica e herda da construção-mãe parte de seu significado, compactando a forma original. Nos termos de Goldberg (1995), esse tipo de herança é a de subparte. Estabelecendo um paralelo com a análise de Traugott e Trousdale (2013), podemos afirmar que houve um processo de construcionalização que culminou na emergência de novas instanciações na língua, independentemente da variedade, a partir do pareamento entre forma e significado e do aumento na frequência-*token*.

Segundo Gonçalves e Pires (2016), na ligação por subparte, uma estrutura corresponde a um fragmento de outra, sendo fração da construção original. Os autores citam a recomposição como bom exemplo desse fenômeno na morfologia do português (Cunha; Cintra, 2008; Monteiro, 1989), pois, nesse processo, um radical neoclássico adquire novo sentido e, ao se estabilizar em determinada posição na estrutura da palavra, passa a remeter a uma construção da qual fazia parte. Por exemplo, o afixoide *foto-*, em ‘fotomontagem’ e ‘fotoestúdio’, assume o sentido de ‘fotografia’, ou seja, representa uma parte dessa palavra. Logo, o uso de *foto-* como unidade morfológica ressemantizada resulta de uma construção por subparte, pois esse elemento condensa o significado da palavra inteira. É o que verificamos no caso das *e[i]-constructions* do inglês (e-terms) em sua entrada para o português, como atestam os resultados pioneiros de Antunes, Correia e Gonçalves (2001) para o português europeu.

Nas primeiras criações efetivamente vernaculares, a partícula inicial mantém a pronúncia original da língua doadora e, como se convencionou denominar na literatura, passa a ser categorizada como *splinter* não nativo (Bauer, 2004; Gonçalves; Almeida, 2012). Como temos um padrão muito produtivo no inglês, língua com grande ascendência nos dias de hoje, microconstruções acabaram servindo de exemplares, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale

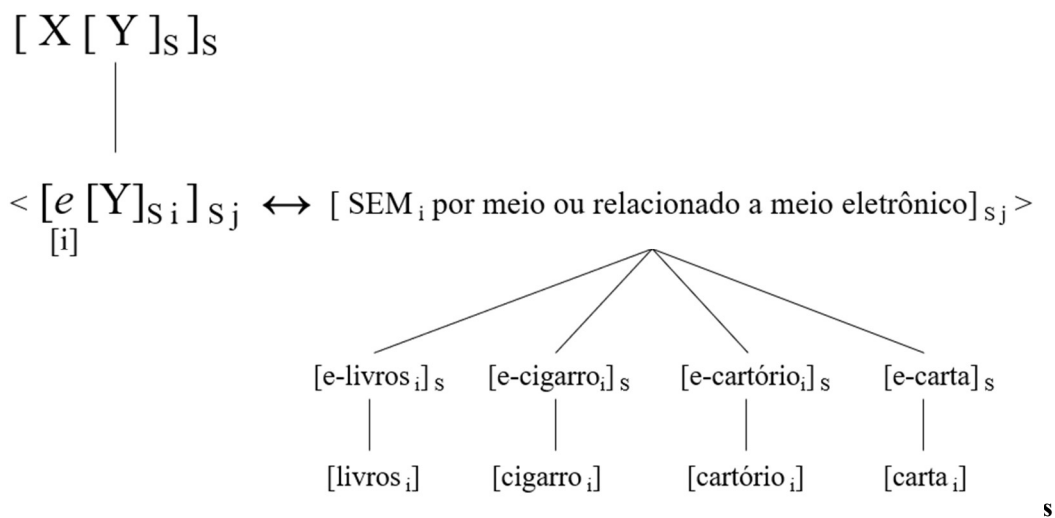
¹⁹ Na representação construcional, os símbolos “<” e “>” demarcam os limites de um esquema de construção. O símbolo “↔” veicula o pareamento entre forma e conteúdo. Do lado esquerdo da seta, há a parte relevante da estrutura formal, a palavra de base não tem a parte fonológica especificada (X), mas a categoria morfossintática, quando relevante, será indexada (S). Por fim, entre colchetes à direita da seta, estão as contribuições da palavra de base (SEM) e a do elemento morfológico em debate (Soledade; Gonçalves; Simões Neto, 2022).

(2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais agora em português. De acordo com Fischer (2009), a analogização constitui mecanismo metonímico de criação instantânea de novos esquemas por meio de estruturas já forjadas.

De acordo com Oliveira e Sambrana (2020), a analogização pode ser considerada um tipo específico de neoanálise. É o que se observa nas primeiras formações em português, “que envolvem reconfiguração das dimensões internas da construção, por meio da produtividade do esquema ou parte dele” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 41). Desse modo, e-[i] passa a se combinar com vários tipos de bases, não sendo as novas construções meros decalques de formas inglesas, muito embora as formações, por serem pronunciadas tal como em inglês, mantêm “ares de estrangeirismo”.

Segundo Bybee (2010, p. 117), a analogia consiste na ideia de que “enunciações novas são criadas, com base em outros enunciados já produzidos em experiências discursivas anteriores”. Foi exatamente o que ocorreu com as primeiras criações genuinamente portuguesas. Temos, portanto, uma mudança construcional. O processo de mudança construcional é aquele pelo qual passa uma construção já existente, e que pode levar — mas não necessariamente leva — à formação de novas construções. Nesse caso, há mudança nas formas com que *e-* se combina, que deixam de ser não nativas para serem vernaculares. Não há construcionalização, acreditamos, porque a mudança se dá apenas no tipo de base a que *e-* se adjunge. Traugott e Trousdale (2013) reservam o termo construcionalização ao processo que resulta na formação de novos tipos de nós, com novas configurações de forma e significado, em uma rede linguística de construções ligadas por relações de herança. Tal não é o caso dos primeiros *e*-termos, que se enquadram no esquema da prefixação, uma vez que não há mudança de classe, e a partícula inicial constitui o elemento não cabeça da construção:

Figura 12 - Esquematisação do primeiro estágio de “e-” no português brasileiro.



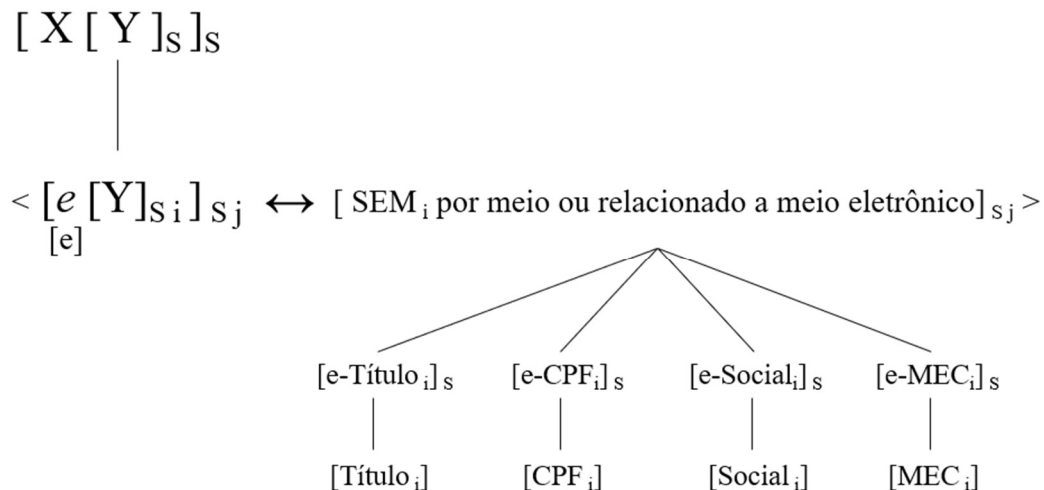
Fonte: Elaborada pelos autores.

A análise de comportamento dos *e*-termos desde sua gênese no inglês até a total incorporação ao vocabulário do português, independentemente da variante, revela que houve nova construcionalização, pois a alteração de pronúncia para [e], além de relacionadas à dimensão interna da construção, afetando os subcomponentes da construção já existente, não estão relacionados apenas à forma (nesse caso, a um subcomponente de natureza sonora), mas também ao significado (subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva), uma vez que espraia para praticamente todas as situações interacionais. De acordo com Oliveira e Sembrana (2008, p. 11),

[a]s mudanças construcionais, por sua vez, definem-se como alterações que afetam os traços ou características de construções já existentes. Podem se dar no nível da forma ou do significado. Tais mudanças ocorrem a partir do uso linguístico, e nem sempre levam à emergência de novas construções.

Com isso, as formações aqui em análise são completamente nativizadas, pois deixam de apresentar qualquer aspecto sonoro relacionado à construção inglesa de onde se originaram. Assim, na atual sincronia, acreditamos, o falante abstrai dos dados um inicialismo, deixando de associar o constituinte inicial a formas do inglês. Agora [e], como em ‘[e]letrônico’, podemos representar esse novo processo de construcionalização da seguinte maneira:

Figura 13 - Esquematisação do estágio atual de “e-” no português brasileiro.



Fonte: Elaborada pelos autores.

PALAVRAS FINAIS

Ao longo deste artigo, analisamos as formações denominadas e-termos, que surgiram a partir do acréscimo do elemento *e-* a bases substantivas, inicialmente inspiradas pelo vocábulo ‘e-mail’ (correio eletrônico), da língua inglesa, e posteriormente disseminadas em diversos campos com o sentido original de ‘eletrônico’. Defendemos, com base em evidências fonético-fonológicas, que o *e-* comporta-se hoje como um inicialismo — e não mais como um *splinter* não nativo — especialmente devido à mudança na pronúncia de [i] (como no inglês) para [e], o que reflete sua vernacularização no português brasileiro. Além disso, fundamentados na Morfologia Construcional, propusemos uma esquematização do percurso dessas construções, desde sua origem no inglês até sua consolidação no léxico do português, destacando a herança por subparte — em que o elemento *e-* compacta o significado de ‘eletrônico’ e licencia a criação de novos termos, como ‘e-MEC’, ‘e-Título’, ‘e-Social’ e ‘e-CAC’. Por meio de dados coletados em plataformas como *YouGlish* e *YouTube*, demonstramos que a pronúncia [e] predomina atualmente, o que reforça a categorização do *e-* como inicialismo.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Secretaria de Estado da Fazenda. [Home]. Manaus: SEFAZ/AM, [2025]. Disponível em: <https://www.sefaz.am.gov.br/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

ANDRADE, Katia Emmerick. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ANTUNES, Malfada; CORREIA, Susana; GONÇALVES, Rita. E-terms: descrição e hipóteses de classificação. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA (APL), 18, 2001, Lisboa. *Actas* [...]. Lisboa: APL & Colibri, 2001. p. 121-130.

BANCO DO BRASIL. *Ourocard-e*: mais agilidade e segurança nas compras online com o cartão virtual do BB. Brasília-DF: BB, [2025]. Disponível em: <https://www.bb.com.br/site/pra-voce/cartoes-de-credito/ourocard-e/>. Acesso em: 18 mar 2025.

BAUER, Laurie. *A glossary of morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics: An Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*, Berlin, v. 36, n. 3, p. 403-422, 1998.

BONS negócios começam com boas escolhas. E o Licitações-e é a primeira delas. *Licitações-e*, [Brasília, DF], [11 jan. 2025]. Disponível em: <https://licitacoes-e2.bb.com.br/aop-inter-estatico/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BOOIJ, Geert. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, Wolfgang Ulrich *et al.* (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.

BOOIJ, Geert. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, Fabio; BOYÉ, Giles; HATHOUT, Nabil (ed.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.

BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, Geert. *Inheritance and construction morphology*. Leiden: University of Leide, [2012].

BOOIJ, Geert. Inheritance and motivation in construction morphology. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.

BOOIJ, Geert. *The construction of words: advances in construction morphology*. Berlin: Springer, 2018.

BRASIL. *eSocial*. Brasília, DF: Governo Federal, [2025a].

BRASIL. Justiça do Trabalho TRT da 1ª região (RJ). Projeto e-Garimpo é lançado oficialmente nesta segunda-feira (4/9) no TRT-1. Rio de Janeiro: TRT-1, 2023. Disponível em: https://www.trt1.jus.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IpQvDk7pXBme/content/projeto-e-garimpo-e-lancado-oficialmente-nesta-segunda-feira-4-9-no-trt-1/21078. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Fazenda. *Perguntas e respostas: desenrola Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Fazenda, [2025b]. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/desenrola-brasil/perguntas-e-respostas-1/perguntas-e-respostas-credor/perguntas-e-respostas-credor/principais-perguntas/o-que-e-o-e-cnpj>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Receita Federal. *e-CAC*. Brasília, DF: Ministério da Fazenda, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *E-Participa (EP)*. Brasília, DF: Anvisa, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/regulamentacao/participacao-social-antigo/e-participa-ep-1>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Ministério do Planejamento. Software Público Brasileiro. *e-Cidade*. Brasília, DF: Ministério do Planejamento, 2025. Disponível em: <https://softwarepublico.gov.br/social/e-cidade>. Acesso em: 20 mar. 2025.

BRASIL. Portal Unificado da Justiça Federal da 4ª Região. *Eproc*. [Porto Alegre]: Portal Unificado da Justiça Federal da 4ª Região, [2025c]. Disponível em: https://www.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=pagina_menu_listar&id_pai=264. Acesso em: 22 mar. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Controladoria-Geral da União. *e-Patri - Sistema Eletrônico de Informações Patrimoniais e de Conflito de Interesses*. Brasília, DF: CGU. [2025d]. Disponível em: <https://epatri.cgu.gov.br/signin>. Acesso em: 21 mar. 2025.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMARA-E.NET - CÂMARA BRASILEIRA DA ECONOMIA DIGITAL. [Home]. São Paulo: Camara-e.net, [2025]. Disponível em: <https://www.camara-e.net/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

CBN – COLÉGIO NOTARIAL DO BRASIL. Conselho Federal. *Bem-vindo ao serviço notarial do século XXI*. Brasília, DF: CBN, [2025]. Disponível em: <https://www.e-notariado.org.br/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CIGA - CONSÓRCIO DE INOVAÇÃO NA GESTÃO PÚBLICA. *e-CIGA*. Florianópolis: CIGA, [2025]. Disponível em: <https://consorciociga.gov.br/e-ciga/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CONSED - CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO. *Plataforma digital de aprendizagem lançada pela rede Educação do Rio de Janeiro supera a marca de 10 mil professores cadastrados*. Brasília, DF: CONSED, 2024. Disponível em: <https://www.consed.org.br/noticia/plataforma-digital-de-aprendizagem-lancada-pela-rede-estadual-de-educacao-rj-supera-a-marca-de-10-mil-professores-cadastrados>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DAVIES, Mark. *O corpus do Português*. [Provo: Universidade Brigham Young, [2017]]. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Acesso em: 20 jan. 2026.

DIRAD - DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO DA AERONÁUTICA. Diretoria de Administração da Aeronáutica. *Sistema Econsig*. Rio de Janeiro: DIRAD, [2025]. Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/sdpp/index.php/aerconsig>. Acesso em: 19 mar. 2025.

E-CERVEJAS. Rio de Janeiro: Busta Comercio de Bebidas, [2025]. Disponível em: <https://www.e- cervejas.com.br/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

E-MERCADO. Manaus: [s. n.], [2025]. Disponível em: <https://emercado.digital/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

E-PARTICIPANTE. Brasília, DF: Serel Consultoria e Informática Ltda, [2025]. Disponível em: <https://www.facepinet.com.br/Login.aspx?ReturnUrl=%2f>. Acesso em: 21 mar. 2025.

FERRARI, Lilian. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 149-165, 2010.

FISCHER, Olga. Grammaticalization as analogically driven change? *Vienna English Working Papers*, Vienna, v. 18, n. 2, p. 3-23. 2009.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa: Revista de Linguística*, São José Rio Preto, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenoconstituintes em português. In: MOLLICA, Maria Cecília; GONZALEZ, Marcos (org.). *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, 2012. p. 105-127.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ANDRADE, Katia Emmerick. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en português. *Linguística*, Madrid, v. 28, n. 2, p. 119-145, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; PIRES, José Augusto de Oliveira. Uma abordagem construcional para as formações x-dromo do português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 110-130, 2016.

HAIGH, Thomas. Did V. A. Shiva Ayyadurai Invent Email? *SIGCIS*, North Carolina, 8 abr. 2015. Disponível em: <https://www.sigcis.org/ayyadurai>. Acesso em: 11 jan. 2025.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

MATTIELLO, Elisa. Analogical neologisms in English. *The Italian Journal of Linguistics*, Pisa, v. 28, n. 2, p. 103-142, 2016.

MELO, Camila Nunes. *Estudo sobre splinters nativos no português brasileiro contemporâneo*. 2021. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Ática, 1989.

OLIVEIRA, Silva de; SEMBRANA, Mariana. A estrutura dos novos usos linguísticos. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 45-62, 2008.

OLIVEIRA, Mariana Rios de; SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 25-44, 2020.

PIRES, José Augusto de Oliveira. *Uma abordagem construcional dos splinters não nativos no português do Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

PORTO VELHO. Prefeitura Municipal. *e-Ponto*: sistema de ponto eletrônico do Município de Porto Velho. Porto Velho: Prefeitura municipal, [2025]. Disponível em: <https://e-ponto.portovelho.ro.gov.br/login>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PRESS Release from Business Wire: TRUSTECH. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 nov. 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2016/11/24/interna_internacional,826447/press-release-from-business-wire-trustech.shtml. Acesso em: 18 mar 2025.

RANZANI, Otavio. [X.com]. In: @otavio_ranzani. Bastrop, 22 mar. 2020. Disponível em: https://x.com/otavio_ranzani/status/124186525236038041. Acesso em: 30 mar. 2025.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. *e-saudesp*: plataforma de saúde paulistana. São Paulo: Prefeitura Municipal, [2025a]. Disponível em: e-saudesp.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em: 11 jan. 2025.

SÃO PAULO. Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística. *Bem vindo ao portal de atendimento*. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, [2025b]. Disponível em: <https://e.ambiente.sp.gov.br/atendimento/inicio>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SILVA CRUZ, Cleide Lemes da. “E-termos”: descrição, empréstimo e variação. *Proficientia*, Cuiabá, n. 3, p. 185-198, 2008.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, Ariane Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (org.). *Linguística cognitiva: redes de conhecimento d’aquém e d’além-mar*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 225-258.

SOLEDADE, Juliana; GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; SIMÕES NETO, Natival (org.). *Morfologia construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2022.

TRANSFORMAÇÃO digital completa para Procons. *eProcon*, [S. l.], [2025]. Disponível em: <https://eprocon.digital/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho". [Home]. São José dos Campos: Unesp, [2025]. Disponível em: <https://evoto.unesp.br/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

